



Ressano Garcia África do Sul vira a página?

TEXTO DE FERNANDO MANUEL • FOTOS DE NAÏTA USSENE

Dar com uma mão e tirar com a outra pode ser um método eficaz para enganar perenemente os incautos. A África do Sul parece acreditar e estar apos-

tada no recurso a ele, a julgar pelo que se tem vindo a passar em Ressano Garcia.

A população da vila de Ressano Garcia, oitenta quilómetros a noroeste de Maputo, vem protagonizando nos últimos tempos os efeitos de uma atitude «nova» por parte das autoridades sul-africanas. A vila, como se sabe, situa-se junto à fronteira com aquele país, que confina com terras moçambicanas numa extensão aproximada de quinhentos quilómetros. Ao longo deste ano, Ressano Garcia foi atacada pelos bandidos armados três vezes, tendo a primeira sido em Abril e as outras em Julho e Agosto. O saldo destas incursões não fica, em nada, a dever a outros tantos

que actuações idênticas dos BA's têm vindo a semear no território: em Ressano Garcia foram assassinados vinte e quatro civis indefesos, destruídas quatro locomotivas e seis viaturas dos mineiros, danificados estabelecimentos comerciais e raptado um número indeterminado de residentes.

Porque o acesso a Ressano Garcia se faz por duas vias e num dos seus flancos a vila é bordejada pelas águas do rio Incomati, a reacção «natural» da população de cada vez que há ataque dos bandidos é tentar refugiar-se do outro lado da fronteira, encetando a fuga através

da linha férrea. Os relatos a que a informação nacional teve acesso em entrevistas com sobreviventes após os primeiros dois ataques davam conta que a travessia para o lado de lá, longe de trazer sossego, implicava a confrontação com uma atitude abertamente hostil por parte das autoridades policiais sul-africanas, que agiam como se de um prolongamento dos contingentes em acção na vila se tratasse.

No primeiro ataque, em Abril, os testemunhos davam conta de terem sido perseguidos por cães-polícias e recebido maus tratos de outro género até à altura em que, já no

dia seguinte, eram recambiados para a origem. Mais do que isto estava o relato dos que asseguravam terem testemunhado um gesto de colaboração dos sul-africanos no ataque, que teriam desembarcado nas imediações da vila um grupo de bandidos que posteriormente se responsabilizaria pela dinamitação de uma das locomotivas, proveniente esta de Komatiport, donde trazia mercadoria diversa.

É pois neste quadro que se dá, nos últimos tempos, a viragem no comportamento sul-africano no seu relacionamento com a população que, apesar das experiências anteriores, continuou a procurar segurança em território alheio no decorrer do terceiro ataque. Uma viragem, seja como for, de uma extensão que não deixa de surpreender mesmo os próprios residentes de Ressano Garcia. Foi para lhe avaliar os efeitos que um grupo de cerca de vinte jornalistas se dirigiu à vila no dia 5 de Setembro, onde passou o dia revendo os estragos ainda patentes nalguns edifícios e conversou longamente com alguns dos residentes.

Zulmira Matsinhe, 36 anos, viúva, mãe de cinco filhos, contou-nos que na noite do último ataque, a 17 de Agosto, «logo que ouvi os primeiros tiros pus-me a fugir, em direcção à fronteira». Para esnanto seu, segundo revelou, a fronteira,

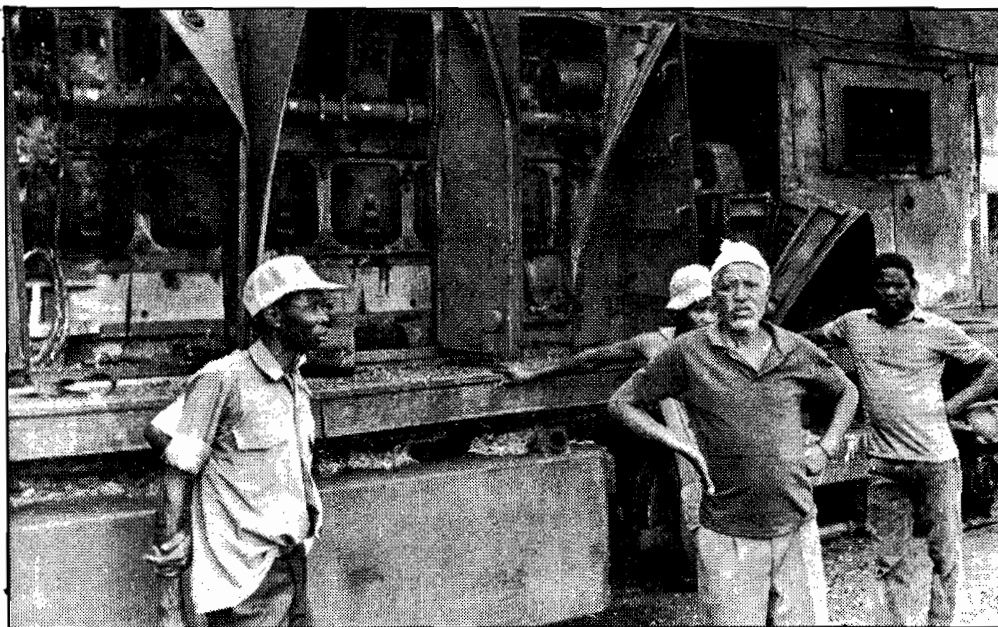
normalmente electrificada, estava inofensiva. O grupo em que ia atravessou-a sem consequências outras e pouco depois se encontravam do outro lado.

«Ao princípio», diz, «não nos pareceu que estivesse alguém esperando por nós. Passado algum tempo apareceram pessoas fardadas que nos mandaram sentar». Feita uma rápida avaliação da situação «levaram-nos aos Libombos. Os que se encontravam feridos receberam tratamento, em primeiro lugar as

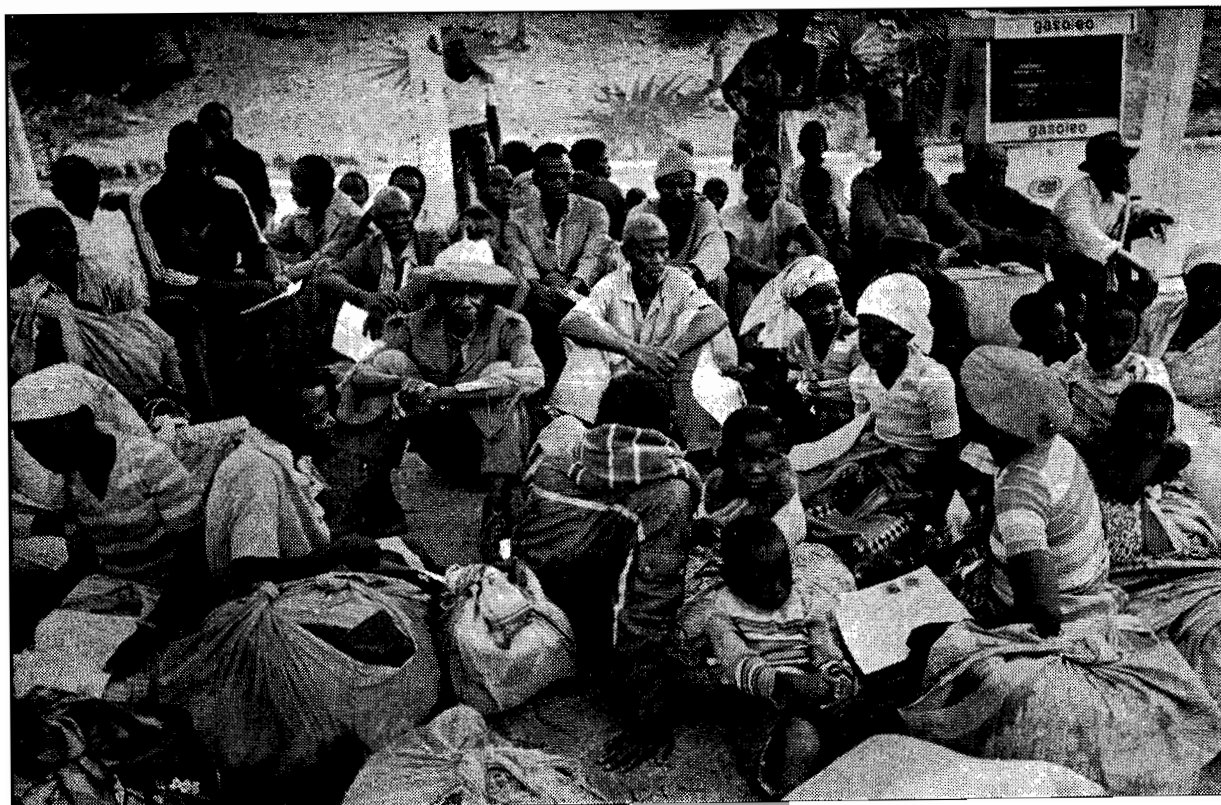
crianças». Os fugitivos passaram a noite ali e no dia seguinte de manhã fez-se distribuição de pão e alguns mantimentos mais. Nessa mesma manhã fomos metidos em machimbombo e trazidos até à fronteira.

O BENEFÍCIO DA DÚVIDA

Pelas suas implicações e nível de responsabilidade que pressupõe, não é de crer que a atitude assumida pelas autoridades sul-



Uma das quatro locomotivas destruídas pelos BA's, saldo do primeiro ataque à vila a 27 de Abril



Moçambicanos repatriados: vítimas de uma guerra de que a África do Sul ensaia um distanciamento



Linha férrea Komatiport-Maputo: também alvo predilecto de actos de sabotagem. (Foto: Paul Fauvet)

-africanas na fronteira no seu trato para com as populações em situação idêntica à dos residentes da vila nestes casos obedeça a puro capricho de actuações temporárias. A intenção de extrair dividendos de uma actuação como a relatada por Zulmira Matsinhe e outras pessoas que passaram pela mesma experiência é tanto mais evidente quanto é facto que, na manhã do dia 5 e pela primeira vez nestes tempos se encontrava em Ressano Garcia uma equipa da televisão sul-africana cujo objectivo era justamente de colher esses depoimentos.

De mais a mais, na fase em que se encontra o xadrez de confrontação na África Austral, onde já está mais que claro que a principal causa da desestabilização que se vive reside fundamentalmente na manutenção do «apartheid», tudo o que possa contribuir para «lavar a cara» ao regime sul-africano é por este devidamente explorado.

É uma ginástica que implicará, no entanto, muito mais que o ensaio de gestos esporádicos que, em si, nada de profundo encerram.

É aliás notório o facto de na mesma ocasião ter sido dado a ver aos

jornalistas parte do material que as FAM capturaram aos BA's durante as incursões realizadas na vila: ficou claro, uma vez mais, o tipo de forças que fornecem apoios para a sustentação das acções de terrorismo em território nacional.

Nada, por outro lado, pode ser dito em abono da actuação dos bandidos, como no-lo pôde confirmar o depoimento de Maria Urbino, 28 anos e residente em Ressano Garcia, onde nasceu. Ela foi raptada pelos bandidos no decorrer do segundo ataque, depois de terem arrombado a casa onde se encontrava escondida com uma prima e filhos menores. «Fui com eles até à FNAC, onde destruíram a loja e saquearam mercadorias», conta, acrescentando que após isso foi obrigada a carregar com uma caixa de cigarros, enquanto outros membros da população igualmente raptados transportavam farinha de milho, arroz e outros produtos. Porque, segundo fontes militares em Ressano Garcia, «o objectivo primeiro dos bandidos quando atacam Ressano Garcia é reabastecerem-se».

Maria Urbino foi obrigada a ca-

minhar toda a noite dessa quarta-feira 19 de Julho, até que «ao meio-dia do dia seguinte chegámos a um acampamento deles». A caminhada continuou na noite desse dia até que a meio da tarde de sexta-feira, num reencontro com «as nossas forças consegui fugir». A marcha fora toda feita sob ameaça, no que «os principais prejudicados eram os velhos e as crianças».

Se, apesar de tudo, a atitude sul-africana ensaiada em Ressano Garcia é de genuína vontade de inaugurar, uma era de maior sentido de colaboração e empenho nos esforços comuns para a instauração definitiva e final da paz em Moçambique o tempo o dirá. Respaldados porém no que a experiência nos tem dito nos tempos que correm «continuaremos a privilegiar o benefício da dúvida em tudo o que for a nossa actuação», de acordo com uma fonte militar em Ressano Garcia...

Cabe à África do Sul, em última análise, demonstrar a possibilidade de o seu gesto ser enquadrado num outro tipo de análise que não esta.

□